



através duma burocracia voracíssima, incompetente, impiedosa, imoral e desmoralizada por força do próprio regimen que teima em manter, enquanto não passa o Brasil de uma nação ocupada e explorada em benefício da máquina de opressão montada cinicamente pelo invasor.

Não é possível fazê-lo, repetimos, porque tamanhas não são as mentiras da falsa história que envenenou o nosso povo desde a era liberal e especialmente nesta fase republicana, tamanhas as calamidades decorrentes delas contra o Brasil autêntico, que homens de bem e historiadores documentados empreenderam a revisão dos erros repetidos ignara e afrontosamente contra os nossos fastos pretéritos, resultando patentíssimo ser o presente que nos causa vergonha, enquanto se evidencia meridianamente residir no Passado a nossa honra e dignidade, no Passado a nossa grandeza, no Passado a lição fecunda para sairmos disto, dêste descrédito, desta ruína moral e económica, desta nulidade, desta lama, dêste abismo em que a negação do que **essencialmente** somos nos arremessou e imergiu. E esse Passado se chama MONARQUIA. E este presente se chama República.

x x x

Contrariando, pois, a filosofia rasteira de desvaiados, orgulhosos e primários, creadora do estado republicano, há 27 anos (espaço de tempo e de consagração permanente e continua que nos confere certo direito de "deitar manifesto" no meio confuso da tempestade demagógica, direito êsse atribuível a mui pouca gente no Brasil), há 27 anos fundávamos nesta Imperial São-Paulo de Piratininga PÁTRIA-NOVA, para restaurar a consciência imperial das novas gerações que, caso contrário, continuariam a ser ludibriadas pela república e a democracia, incompetentes, deseducadoras, corruptoras; para prègar a volta às origens atentando ao mesmo tempo para as realidades e conquistas presentes, atitude dos verdadeiros tradicionalistas e único meio de progresso, pois não há progresso sem apóio numa base preexistente. É a prosperidade um acréscimo e não um começo. O próprio adulto é a criança que se desenvolve. A república, eterno recomeço, eterna improvisação, eterna imprevidência, nada aprende e é o perpétuo atraso. Se adquire uma técnica, perde-lhe a alma. Propúnhamos, portanto, uma atitude nova, diferente daquela assumida até então pelos "restauradores" monárquicos, que, embora generosamente e por amor ao Brasil desorientado por instituições (?) adventícias e inadequadas, sonhavam com a "volta" da constituição imperial de 1824, como se fôra possível restabelecer simplesmente o reinado dos Pedros ou de Dona Isabel I.

Ora, o próprio Dom Luís I, no exílio (A república teve medo de permitir-lhe o desembarque em seu Império!), Dom Luís I propusera reformas denotadoras de conhecimento objectivo da realidade do seu tempo, reformas tímidas quicá por ser, então, ainda algo retardado e preconceituoso o ambiente cultural-político, carregado de heranças negativas e de peçonhentas influências jansenistas e modernistas. Fazia o malgrado

Príncipe Perfeito concessões intoleráveis para a posição radical dos neo-monarquistas que mais tarde surgiriam com PÁTRIA-NOVA, saudados festivamente no País e no estrangeiro.

A base para nós Patrianovistas era e é o Império. Mas com suas tradições integrais.

A única forma adequada da restauração da Pátria seria e é, por conseguinte, a instauração do Império ORGÂNICO, isto é do Império que, expurgado dos velhos erros acidentais, penetre nas remotas bases da Nação, anteriores a 1822, engrene com fidelidade nas instituições existentes na dita "colónia", as quais por sua vez se entrossem na sabedoria experimentada (**saber de experiências feito**) das gerações lusitanas onde teve princípio o nosso ser, o que fomos e o que somos.

Sem essa fidelidade, deixaríamos de ser nós mesmos, não teria explicação a nossa Nacionalidade, não teríamos fundamentos, bracejaríamos no vácuo, como o faz a república que nada representa no Brasil... a não ser um arremêdo ridículo e carnavalesco dos Estados- Unidos.

Realmente, "o mais abominável êrro — sentença com verdade Renan que nem sempre o faz — é crer que se serve a pátria caluniando os que a fundaram. Todos os séculos duma nação são cadernos dum mesmo livro. Os verdadeiros homens progressistas são aquêles que têm por ponto de partida um respeito profundo pelo passado" (*Souvenir d'enfance et de jeunesse*).

x x x

Nada, portanto, podemos fazer de sólido e duradouro, mas tudo ilusório, sem a base fundamental do Passado, sem a alma das nossas **legítimas** instituições, mercê da falta das quais temos "vegetado" uma existência estúpida, servil, ignominiosa, vazia, paupérrima de estímulos (a não serem os do mal), carente de surtos íntimos de fortaleza, de esperança, de confiança em nós mesmos e no futuro até ao sacrifício da própria vida (pois ninguém quer mais morrer por um regimen que nos envergonha e nos mata), nestes miseráveis 66 anos de regimen emprestado e imprestável, após a perda da soberania dinástica, indispensável garantia de unidade, estabilidade, continuidade, ordem, tranqüilidade e de poder forte sem despotismo, de autoridade incontrastada, paternal, orgânica e sem os ciúmes que os chefes vãos, provisórios, inseguros de si e partidários, têm das realidades grupais da Nação — esteios e factôres da grandeza dela.

Ora, evidente é que se não pode esperar salvação nacional sem o restabelecimento da SOBERANIA POLÍTICA DINÁSTICA, cuja perda em 1889 já se acrescentava à anterior destruição da **soberania social** incarnada nos grupos naturais da Família, a Igreja, a Cultura (Universidades e semelhantes), a Milícia (Exército, Armada, Aeronáutica e assimilados) e o Trabalho — as únicas forças vivas da Representação Nacional junto ao Soberano, síntese indispensável do Comando Nacional pelos séculos afora, sem as sínopes desastradas dos governos efêmeros e irresponsáveis.

x x x

Instalou-se entre nós contra essas vivas realidades, glórias da nossa História de 800 anos, a guerra embusteira dos partidos artificiais e rotulares, contubérnios sem base na vida real produtora ou construtiva, egoístas, vorazes, anarquizadores, desmoralizadores e inorgânicos, desorganizadores e inimigos da tranquilidade e da paz nacionais. E aí estão eles, ou seus cabecilhas sem eleitores, agindo, vociferando misérias e arruinando a Pátria, bradando por uma união que a própria denominação deles condena e impede.

O partido é a desordem dos instintos predatórios e de mandonismo caudilhesco, interesseiro e comparalista, é o desajustamento das paixões dos marginais contra a ordem da Tradição "para tomarem o seu lugar", como diz Spengler, continuando: "Combatem a ordem do Estado (tradicional) porque ela põe obstáculos ao seu gênero de actividades. Combatem qualquer espécie de autoridade porque não querem ser responsáveis perante ninguém, e fogem a toda responsabilidade. Nenhuma constituição contém uma instância perante a qual os partidos devessem prestar contas... Dêsse modo nasce a "democracia" do século, que não representa uma forma, mas que faz um princípio da falta de forma em todo sentido; surgem o parlamentarismo com anarquia constitucional e a república como negação de qualquer gênero de autoridade" (**Anos de decisão**), constituindo inegável preparação diabólica para a herdeira legítima de tão insensata paranoia — a democracia materialista, agora sob o figurino velhaco de "popular", desfêcho lógico do regimen estribado nas opiniões, isto é nos "palpites", na ignorância portanto.

x x x

São verdades triviais e corriqueiras essas, para aqueles que — não tendo encaixado na tranqueira dos chavões republicanos e democráticos que foram novidade na Europa há mais de cem anos — algo estudaram de Política e Sociologia (com maiúsculas) nestes últimos 30 anos. Não obstante, república e democracia como formas (?) de governo ainda se consideram coisa séria neste país, onde a meia ciência, a ignorância, a preguiça em estudar, têm prejudicado enormemente a reforma das instituições políticas" (João de Scantimburgo, "Renúncia à fé democrática", Diário de S. Paulo, 13-3-1955). Que repitam êsses chavões néscios os politiquinhos ignorantes e interesseiros, vá lá. Não no podem, contudo, os que se pretendem doutos.

Agora mesmo, o ilustre comentarista internacional Ianque, Walter Lippman, entre outras observações, produz esta interessantíssima: "É significativo, penso — certamente é pelo menos sugestivo — que, ao passo que quase todos os governos ocidentais estiveram em profunda perturbação desde a primeira Guerra Mundial, as monarquias constitucionais da Escandinávia, os Países-Baixos e o Reino Unido demonstraram maior capacidade para sustentar, para preservar a ordem com liberdade, do que as repúblicas da França, Alemanha, Espanha e Itália" (**The decline of western democracy**, revista "The Atlantic", fev. 1955).

Não é o primeiro a concluir, nem será o último,

Nós Patrianovistas já o concluíramos há quase trinta anos. Mas os retardados mentais continuarão a julgar "moderna", "adiantada", a malfadada república desmoralizadora, desorganizadora, improvisadora, imprevidente, ninho de caudilhos, ditadores e tiranos, apesar das lições históricas nossas e de todo o mundo, nomeadamente dos próprios Estados-Unidos que, ganhando, perderam duas guerras, mercê da improvisação diplomática de que usaram por falta de comando hereditário.

E em verdade causa lástima, num dos momentos altíssimos da ciência política e sociológica do mundo, assistir a essa palhaçada que a imbecilidade anti-nacional da sucessão (ou secessão) à presidência da república expõe aos nossos olhos e aos olhos do mundo... para continuarmos a tragédia da gangorra "república — ditadura republicana — república", a que éramos estranhos na América Hispânica antes de 89.

x x x

Comparsa do drama do Brasil falsificado, dizia Artur Bernardes, há mais de cinco lustros, que "As crises políticas originárias da sucessão presidencial no Brasil, vão produzindo, de quadriênio em quadriênio, campanhas gradativamente mais apaixonadas e susceptíveis de explodirem em lutas materiais que são a principal ruína das nações. Faz-se indispensável investigar a verdadeira origem desse mal".

E comentávamos nós jocosamente: — "Ingenuidade, Dr. Bernardes! A origem é a república em uma Nação Monárquica. Nos "verdadeiros" Estados-Unidos (nós somos os macaqueados) não é... tanto assim! Já o ponderava Pátria-Nova. E os políticos continuarão perguntando. Mas não ouvirão. Têm olhos e não querem ver, têm ouvidos, e não querem ouvir! Como Pilatos, perguntam a Jesus o que é a verdade; quando Jesus vai falar, viram-lhe as costas. Pois bem! no Brasil, os Patrianovistas já responderam. Os políticos não ouviram, não ouvem, nem ouvirão. Mas virão os factos, mais uma e duas e mil vezes. Renova-se, como as estações, a tragédia quadrienal que a república vem representando, nas Terras do Nosso Império, há já longos anos!... Não há dúvida: — Vivam Bocaíuva e Benjamim!..."

Pobre Dr. Bernardes! Morreu sob a atoarda da mesma tormenta de 1929. E prosseguirá o mesmo delirium-tremens por causa da mesma bebedeira republicano-democrática, vício legal oposto à virtude tradicional brasileira.

Militava a razão com Humberto de Campos, quando, em momento felicíssimo da sua ficção — refúgio dos políticos desenganados das quimeras de fedelhos imberbes —, lançava esta luminosa verdade política: "Aqui, no Brasil, donde te escrevo, não há reis. Não há reis porque todos governam, e porque todos se consideram superiores aos outros, de modo que todos mandam e ninguém obedece".

O carnaval sucessório e toda a mais miséria política a que assistimos confirmam perfeitamente a afirmação pessimista do saudoso escritor.

Aliás, os cegos papagaios da situação qualificam isso de vitalidade democrática, como quem qualificasse a febre de vitalidade do corpo.

X X X

Irrisão somada a ingenuidade e estultícia é o falar em **união nacional** em regimen tão estranho à Nação, o qual "pretende" unir-nos com factôres e fautores de divisão e desordem como sejam os partidos.

Não assim raciocinaram os nossos Maiores ao tempo da Regência, interregno "republicano" dentro do Império. Não! Havia então sabedoria, espírito público e boa fé. Havia desinteresse. Aclamaram maior o Imperador Dom Pedro II, e declarou-se a lidima União Nacional, pacificando-se a Nação, que daí surgiu para a sua altíssima posição mundial perdida em 1889.

**SEM REI, SEM IMPERADOR, NÃO HÁ UNIÃO NACIONAL**, pois todo poder dividido, partido contra si mesmo, perecerá.

Ora, é essencialmente divisionista o regimen imposto ao Brasil, além de permeabilíssimo a tôdas as forças do mal, internas e... externas.

Tomemos consciência da realidade. Não sobre-nhamos uma ordem jurídica acidental a uma ontológica essencial.

Pratiquemos, afinal, como os nossos Avós, um de inteligência. Abandonemos a cômoda disponibilidade dos covardes e inúteis. Saíamos desta aziagosa nosse que nos obumbra o raciocínio. Despachemos o inferno os chavões e os mitos quiméricos.

O Brasil vale mais do que as constituições abstratas com seus partidos, sua república, sua democracia pluripartidária e seus sistemas eleitorais, totalitários te imposto à Nação Eterna.

Viva a Monarquia, única e tradicional fórmula paz de UNIFICAR o Brasil e UNIR OS BRASILEIROS!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS  
Chefe Geral Patrianovista  
Imperial Cidade de São-Paulo  
de Piratininga, 2 de Abril  
1955, 132.º do Império e 2  
de Pátria-Nova (AIPB).

ADESÕES — As adesões a este Manifesto devem ser encaminhadas à **Secretaria Geral Patrianovista**, Caixa Postal, B. São-Paulo.

Leia a "Orgânica Patrianovista", plataforma permanente da Acção Imperial Patrianovista Brasileira (Pátria-Nova). Preço Cr\$ 70,00 com os mapas. Envie-se pelo reembolso postal.  
Brevemente, novos livros do Chefe Geral: **De Nóbrega e outros Patrícios e Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino.**

## PROGRAMA PATRIANOVISTA ESTABELECIDO EM 1928

I. **CREDO.** — Respeito às prerrogativas essenciais da Religião da Nação Brasileira.

Com efeito, o Estado ateu, irreligioso, arreligioso ou agnóstico não tem padrão seguro para aquilatar os valores morais, para julgar sob o critério do justo e do injusto, do bem e do mal, desprezando por conseguinte a Lei de Deus (que ninguém pode ignorar como se não existisse), o que se não compadece com uma NAÇÃO que nasceu Católica e Monárquica à sombra da Cruz de Cristo e do Real Estandarte da Ordem de Cristo. Por desconheçê-lo é que a república tem sido (ainda abstraindo-se do carácter tri-nacional da mesma) a fonte copiosa de tôdas as immoralidades públicas e privadas.

II. **MONARQUIA.** — Imperador responsável que reine e governe, escutando livremente os seus ministros. Base MUNICIPAL SINDICALISTA (corporativa) de organização do Estado Imperial (Orgânico). Direitos majestáticos da Dinastia Nacional, aclamada pela Nação no fundador político da Pátria Imperial Brasileira, Dom Pedro I, e agora representada pelo sr. Dom Pedro III, isto é Dom Pedro Henrique de Bragança, descendente dos Reis e Imperadores que, juntamente com aqueles dignos homens de que somos também descendentes — os nossos bons Avós estadistas, fazendeiros, lavradores, trabalhadores, industriais, cabos-de-guerra, soldados, mercadores, marinheiros — fizeram a grandeza antiga, a felicidade e o prestígio mundial do Brasil.

III. **PÁTRIA E RAÇA.** — Afirmção da Pátria Imperial Brasileira; sua valorização espiritual (religiosa, intelectual e moral), física e econômica. Protecção e defesa da Família contra os males modernos. Afirmção da Raça em todos os seus elementos tradicionais e novos-integrados (filhos do estrangeiro). Solução séria e definitiva do problema negro-indo-ertaneio e de todos os marginais. Formação e valorização física, intelectual e religioso-moral nacionalista da Raça. Resolução dos problemas de migração, imigração e colonização. Definição da situação do estrangeiro no Império. Reacção contra tôdas as formas do Imperialismo estrangeiro no Brasil.

IV. **NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA — CONCENTRAÇÃO POLÍTICA E DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA. CAPITAL NO CENTRO DO IMPÉRIO.** — Divisão do País em províncias menores puramente administrativas. Educação contra o mau espírito regionalista e a favor do Município, célula do Estado Imperial. — Fundamentação em base sólida da Unidade Nacional, sem prejuizo das legítimas liberdades provinciais, e, sobretudo, da Autonomia dos Municípios, células políticas do Estado Imperial, garantindo-lhes uma vida local forte e livre em união estreita política orgânica com o Centro (CÔRTE) colocado realmente no centro geo-econômico do Império. Aí se concentrará tôda a nossa vida nacional orgânica política, econômica e militar defensiva e ofensiva com irradiação para a periferia, por um sistema de circulação rápida e eficiente (rodovias, ferrovias, rios, canais, aerovias). Neste artigo **Pátria-Nova** firma o princípio de que **unidade não significa uniformidade**, ao contrário do monismo totalitário da democracia republicana.

O Brasil é uma UNIDADE e não uma soma de "unidades federativas" os Estados-Únidos. Cumpre, portanto, continuar o processo histórico de paridade territorial do Império, criando novas províncias (inspiação militantes) em muitas regiões do País, obstada pelos preconceitos e princípios falsos e nacionais estrangeiristas-republicanos, segundo um justo e proveitoso e geopolítico, econômico e administrativo, para maior bem do Trabalho nacional e expansão demográfica. Nisto como em tudo, é a nossa História a que nos ensina os seus povos que principalmente nos deve ensinar.

V. **EDUCAÇÃO, DEFESA NACIONAL E POLÍCIA.** — Disciplina especial como base de tôdas as outras. Cultura filosófica cristã segundo os princípios do Estado Imperial Orgânico. Como princípio, o Estado Imperial terá no no mera função supletiva e fiscalizadora da idoneidade da educação ministrada pelos particulares (indivíduos, famílias ou institutos). — Elevação da cultura total das forças militares. **Nobilitação** (Reacção contra os prêmios "monetários" ao mérito). Serviço militar obrigatório condicionado aos interesses nacionais. — Promoção das indústrias básicas metalúrgicas e químicas (Agora também desenvolvimento das atômicas). Previsão de forças mobilizáveis para a guerra. Planejamento de mobilização e defesa fronte interna. **Eficiência Nôica.** — Desenvolvimento dos quadros do lado para enquadramento mobilizatório eficaz e rápido. Previsão da guerra no tempo de beligerância. — Reaparelhamento da Armada à altura da vida e missão internacional do Brasil. — Idem da Aeronáutica. — Polícia Internacionalizada e apropriada aos seus fins. — Reestabelecimento da Polícia Municipal com o carácter de auxiliar.

VI. **JUSTIÇA.** — Reposição de Justiça nos princípios cristãos e rigorosa observância. Unidade de Justiça e de Processo. Assistência judiciária. Elevação do nível moral da magistratura. **Nobilitação.**

VII. **POLÍTICA INTERNACIONAL ENTENDIMENTO ESPECIAL LUSO-BRASILEIRO, INTEGRAÇÃO DO MUNDO HISPÂNICO.**

Realizados os itens anteriores, já se terão firmado perfeitamente a prosperidade internas do Império. Cumpriremos, todavia, no plano interno voltar à nossa antiga alta posição diplomática e prestígio mundial. E fazer uma política internacional ativa e cristã. Não-de-se começar por um tema de alianças fundamentais baseadas em nossas tradições "de família" — brasileira ou LUSÍADA (Política Atlântica) e, mais exansamente, hispânica neo-hispânica (sem desprezo dos compromissos legítimos e tradicionais já existentes), o que contribuirá para a paz internacional e o bem da Cristandade restaurada, pondo-nos em situação de baluarte poderoso da defesa do Ocidente e católico. Seremos então um aliado respeitável porque forte.

N. B. — Este programa é apenas síntese. A **Orgânica Patrianovista** contém mais largamente a teoria do **Pátria-Nova**.